



## ARTIGOS LIVRES

### **Deva Matri – As representações da Deusa indiana e a manifestação do sagrado feminino Hindu no Brasil**

### **Deva Matri – Representations of the Indian Goddess and the manifestation of the sacred Hindu feminine in Brazil**

**Maria Helena Ferreira das Neves Peres ([mariahelenafnp2@hotmail.com](mailto:mariahelenafnp2@hotmail.com))**

Mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

Esta pesquisa procura analisar as representações religiosas ligadas à deusa indiana conhecida como *Durga* e identificar padrões feministas na mitologia associada ao sagrado feminino. O estudo se concentra no campo da história do tempo presente, que permite observar as diversas manifestações religiosas presentes em disputas simbólicas e que se perpetuam através das relações de poder na pós-modernidade. O culto à deusa indiana é conhecido como Shaktismo, uma doutrina de veneração a divindades femininas hindus personificadas em várias deusas. Nessa vertente, atribui-se às representações religiosas femininas o papel de criadoras de toda a realidade. Assim, chamam a atenção os textos védicos que circulam no Ocidente a partir de 1960, funcionando como instrumentos que conduzem uma vertente espiritual. Um dos hinos, conhecido como *Devi Mahatmaya*, é um importante texto de adoração à grande deusa, frequentemente recitado nos templos ou por seus devotos.

**Palavras-chave:** Deusa; Indiana; Feminismo; Nova Era; Orientalismo.

#### **Abstract:**

This research seeks to analyze the religious representations associated with the Indian goddess known as *Durga* and identify feminist patterns in the mythology related to the sacred feminine. The study focuses on the field of contemporary history, which allows for the observation of various religious manifestations involved in symbolic disputes and that are perpetuated through power relations in postmodernity. The worship of the Indian goddess is known as Shaktism, a doctrine of veneration for Hindu female deities, personified in various goddesses. In this tradition, religious female representations are attributed the role of creators of all reality. Thus, the Vedic texts circulating in the West since 1960 draw attention, functioning as instruments that guide a spiritual path. One of the hymns, known as *Devi Mahatmaya*, is an important text of worship to the great goddess, frequently recited in temples or by her devotees

**Keywords:** Goddess; Indiana; Feminism; New Age; Orientalism.

---

<sup>1</sup> A pesquisa contou com o fomento da FAPEMIG.

## Introdução

Ao retratar a vasta história do culto ao sagrado feminino na Índia, deve-se levar em conta a extensão histórica da religião indiana, com características milenares e ancestrais, rica em diversidade cultural e em possibilidades representativas de divindades femininas que remetem ao sagrado feminino, presentes tanto na Índia quanto em regiões que se desenvolveram sob sua influência cultural. A religião hinduísta<sup>2</sup> tem característica de ser politeísta, podendo dar origem a diversas vertentes independentes com divindades centrais, que assumem protagonismo de acordo com a fé dos fiéis. O Shakatismo, conhecido como uma vertente espiritual independente, tem como divindade primordial as manifestações femininas como *Durga*, *Kali*, *Saraswati*, que compõem a trindade central do culto ao sagrado feminino indiano.

Na busca pela compreensão dos variados segmentos do sagrado feminino que vigoram no Brasil, o Shakatismo carrega sua história de devoção a representações femininas, estabelecendo relações com o "empoderamento" vinculado à tradição do Yoga e do Tantra. Para entender melhor as representações ligadas às divindades femininas hindus, faremos uma reflexão inicial sobre o desenvolvimento dessa vertente na Índia e como ela ganha espaço no Brasil.

As representações ligadas à Grande Deusa da Índia também recebem influência dos moldes pré-estabelecidos do Ocidente, mas, através da subjetividade dos praticantes, podemos entender os reais motivos que levam mulheres ocidentais a seguir uma vertente de cunho orientalista. Iremos analisar as representações da Deusa Indiana procurando demonstrar uma reapropriação das imagens das deusas femininas no feminismo. Para isso, analisaremos o texto sagrado *Devi Mahatmaya*, que conta os mitos da divindade e manifesta seus feitos e poder, com a intenção de identificar padrões ligados ao poder feminino e como esses padrões podem influenciar mulheres a se conectar com o empoderamento/feminismo.

Os Hinos do *Devi Mahatmaya* passam a circular no Brasil a partir de 1960, em paralelo ao Movimento Nova Era, o qual fortaleceu, por meio dos ideais sociais, o ciclo de mulheres que

---

<sup>2</sup>. Propõe o termo Hinduísmo “como modelo de encaminhamento espiritual marcado por dois vetores de progressão de sentido, que correspondem, grosso modo, às esferas revisitadas da “religião” e da “filosofia”: num contexto de organicidade e harmonia” O modelo bidimensional acima descrito – a religiosidade moral-ritual (nível laico) e a religiosidade racional-meditativa (nível iniciático) - atravessa a pluralidade de tradições antigas, clássicas e modernas do hinduísmo. Suas principais vertentes contemporâneas, as religiosidades teístas do Vaisnavismo, Śaivismo, e Śaktismo e as religiosidades não-teísta do Smártismo, são emblemáticas de um diálogo continuado entre diversas matrizes fundacionais, de caráter oral e escrito (Loundo, 2020, p.252).

perdura até a atualidade. O desenvolvimento desses grupos abriu espaço para novos questionamentos sobre espiritualidade, o papel social das mulheres e a busca por uma conexão pessoal mais profunda, pautada no autoconhecimento.

### **Orientalismo religioso e o Movimento Nova Era**

Para tratar de uma vertente religiosa oriental, é necessário compreender as relações entre o Ocidente e o Oriente. A análise mais relevante, quando se trata de orientalismo em seu contexto bipolar em relação ao Ocidente, foi desenvolvida pelo pensador Edward Said e publicada em 1978 “percepção de que a cultura ocidental está passando por uma fase importante, cuja característica principal é a crise que lhe foi imposta por ameaças como a barbárie, as preocupações técnicas estreitas, a aridez moral, o nacionalismo estridente, e assim por diante” (Said, 1990, p. 263).

O encontro de dois mundos diferentes propicia um choque cultural. Atribuímos as diferenças entre o Ocidente e o Oriente a partir de uma visão europeia, onde o Oriente é visto como o desconhecido pelos povos ocidentais e americanos, pois a Europa moldou a visão do Ocidente a partir da colonização. No entanto, o Oriente não é tão desconhecido para a Europa, já que a civilização europeia tem seu início atrelado ao desenvolvimento das sociedades orientais.

10

O oriente é parte integrante da civilização e da cultura materiais da Europa. O oriente expressa e representa esse papel, cultural e até mesmo ideologicamente, como um modelo de discurso com o apoio de instituições, vocabulário, erudição, imagística, doutrina e até burocráticas e estilos coloniais (Said, 1990, p. 14).

O Oriente é compreendido como um símbolo de poder da própria Europa, a qual o colonizou em massa, através da literatura, da política e da religião. As trocas culturais entre o Ocidente e o Oriente são pautadas pelas relações históricas que construíram a perspectiva orientalista, que vem a ser um modo particular do Ocidente pensar o Oriente. Said (1990) retrata que o orientalismo, portanto, não é uma fantasia da Europa sobre o Oriente, mas um corpo criado de teoria e prática, em que houve, por muitas gerações, um considerável investimento material. A forma como a cultura ocidental representa o Oriente, seja na religião, arte ou outras formas culturais, perpetua estereótipos e visões reducionistas europeias.

Ao tratar do universo religioso, as influências do fenômeno de orientalização do universo religioso ocidental vêm acompanhadas da valorização das culturas orientais, fortemente influenciadas pelas imigrações ocorridas no fim do século XVIII e início do século XIX, que difundiram as práticas religiosas no Brasil, mas também por movimentos sociais inspirados pelas causas sociais da década de 1960. Surge então o movimento *New Age* e de contracultura, que tinham como ideais a busca por liberdade e os movimentos feministas, reunindo grupos altamente heterogêneos e atribuindo ao Oriente uma forma negativa de eternidade (Said, 1990).

O Movimento da Nova Era, influenciado por diversos movimentos espirituais, representa uma abordagem pós-moderna e eclética. Com ênfase na individualidade, liberdade e cura, ele incorpora uma ampla gama de práticas e crenças em sua busca pela autorrealização e bem-estar espiritual, refletindo a diversidade e a evolução constantes desse movimento. Heelas (1996, p. 23) afirma, a respeito da religiosidade da Nova Era, que "(...) seria possível realizar estudos (...) a respeito das muitas maneiras diferentes como diversos domínios do passado vêm sendo explorados, em particular a espiritualidade oriental." O movimento Nova Era busca, então, imergir nesta outra realidade em torno do Oriente, seja através de viagens realizadas por ocidentais ao Oriente, como também por imigrações do leste asiático para o Brasil, além de mestres que encontraram no país a possibilidade de captar fiéis e desenvolver sua perspectiva espiritual no Ocidente.

Durante a década de 1960, uma série de movimentos sociais emergiram, trazendo suas pautas de direitos humanos, liberdades civis, pela paz e justiça, ecologia, entre outros. Nesse período, ganha-se maior visibilidade nos movimentos feministas e nas lutas femininas contra os valores vigentes, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, um anseio universal por paz e justiça social. No campo religioso, vemos o crescimento de vertentes espirituais alternativas, formadas principalmente por jovens das camadas médias urbanas, que foram influenciados pela cultura da época. Sobre esses movimentos, Arend (2006, p. 108) destaca, "em países da América do Norte e da Europa ocidental verificamos a eclosão de movimentos sociais – o Feminismo e a Contracultura – que tinham entre suas bandeiras de luta a crítica a determinadas práticas e valores da norma familiar burguesa." Portanto, diante dos desdobramentos sociais da época, movimentos religiosos alternativos ganham espaço na sociedade brasileira.

O movimento está relacionado à busca por novas culturas espirituais, o que facilitou o desenvolvimento da vertente feminina hindu no Brasil. De acordo com Gruzinski (2001, p. 41), não há culturas puras, pois “todas as culturas são híbridas [...] as misturas datam das origens da história do homem”. A adesão aos movimentos alternativos de cunho orientalista também pode ser vista como uma forma de resistência à realidade da sociedade ocidental. O padrão de vida ocidental, que envolve uma sociedade colonizada, com um modelo de exploração do trabalho e disciplina dos corpos e da fé, são circunstâncias construídas historicamente que moldaram o Ocidente. Em suma, as culturas ocidentais criaram práticas que desgastam a própria representação de si mesmas, atendendo a um padrão operante, sem muita crítica ou consciência por parte da população. Zimmer (2008) aponta que o universo ocidental acabou por produzir um vazio religioso, e o resultado é tratado por ele da seguinte forma:

Nossas profissões de fé já não encontram nenhuma afinidade visível com nossa conduta pública ou com nossas esperanças mais íntimas. Em muitos de nós, os sacramentos não operam sua transformação espiritual; estamos abandonados e sem saber a quem recorrer. Entrementes, nossas filosofias acadêmicas e seculares importam-se mais com a informação que com a transformação redentora exigida por nossas almas. E esta é a razão pela qual uma olhadela na face da Índia pode nos ajudar a descobrir e recuperar algo de nós mesmos (Zimmer, 2008, p. 26)

12

O autor identifica que as pessoas que buscam vertentes espirituais orientais estão dispostas a procurar um conhecimento que vá além dos limites estabelecidos pela religião cristã. O reencantamento representado por aqueles que seguem tais vertentes é uma tentativa de encontrar significado para a vida. A importância para quem percorre esse caminho está na ruptura com o que existia antes.

Dada a pluralidade cultural e espiritual do movimento Nova Era, surgem lacunas sociais que possibilitam uma busca alternativa por espiritualidade por parte dos indivíduos. Devido à sua abrangência, esse movimento facilita a abordagem das questões levantadas pelas mulheres sobre outras formas de conexão espiritual. “É dentro desse contexto que o movimento da Nova Era se destaca, pela quantidade de líderes femininas nos movimentos que o influenciaram, e em seguida, pela sua ascensão após as décadas de 1960, quando emergiram movimentos de contracultura e feminismo” (Kris, 2023, p. 76). Isso possibilitou que questões femininas fossem exploradas associando práticas espirituais distintas ao debate sobre igualdade de gênero e questionando os padrões patriarcais das religiões.

## **Religião da Deusa Indiana**

Religiões de cunho oriental e com uma perspectiva hinduísta encontraram espaço nesses movimentos para se desenvolver e permanecer no Ocidente. A religião da Grande Deusa Indiana no Brasil se fortaleceu com os movimentos sociais e religiosos influenciados pelo movimento Nova Era a partir da década de 1960 e continua vigente até o presente.

Um ponto crucial a respeito da religião indiana ligada às divindades femininas do Hinduísmo é a discussão sobre sua origem. Nas escrituras védicas, encontra-se um panteão de deuses masculinos, e algumas divindades femininas são como esposas dos mesmos. A supremacia masculina pode ser vista em qualquer religião, e não é diferente no Hinduísmo. Entretanto, o Shaktismo, como uma vertente que se desenvolveu de forma independente, criou, em seu processo, simbolismos e o significado de poder para todas as *Devis* (deusas). A consolidação do culto à Grande Deusa na Índia está datada de aproximadamente dois mil anos e foi descrita em textos védicos conhecidos como Puranas<sup>3</sup>. Como lembra, Biachini (2020), os motivos da diversidade de representações religiosas provêm de duas correntes de pensamento. Em uma delas, é retratado que o culto à Deusa surgiu de forma paralela às vertentes que enfatizavam divindades masculinas. Foi um culto popular das "Deusas da vila" ou "Deusas locais", que só depois foi integrado ao hinduísmo. A outra defende que as representações religiosas femininas estão presentes desde o período pré-védico e que esse culto sempre existiu, como comprovado por artefatos arqueológicos que retratam a imagem feminina. Segundo Biachini (2020), embora ainda não haja certeza sobre a origem desse culto, é possível perceber que ele surgiu de forma independente, com raízes na religião Shakta, conforme as escrituras disponíveis.

Dessa forma, mapear a origem da Grande Deusa é uma tarefa delicada, mas, por meio de alguns estudos históricos do movimento Shakti, é possível compreender que o culto se

---

<sup>3</sup> Os Puranas são um coletivo de textos sânscritos, que relatam as histórias dos deuses hindus, uma verdadeira enciclopédia religiosa em que podemos encontrar narrativas relacionadas às mais variadas questões, desde a criação e destruição do universo, como: mitos, histórias, origem das coisas, tradições e mais outros variados assuntos. Os Purãnas dividem-se em dois tipos: Mahã-Purãnas ("Grandes Purãnas") e UpaPurãnas ("Purãnas Secundários"). (Feuerstein, 2005, p. 366)

fundamenta na era védica e segue por toda a história da Índia, expandindo-se também para outras regiões e continentes, através de práticas de adoração às iconografias femininas.

A veneração a divindades femininas pode ser encontrada em diversas regiões e culturas diferentes. Como exemplo, têm-se as representações da "Vênus" pré-histórica, Ísis no Egito, Deméter na Grécia, dentre outras representações da força feminina ou da deusa mãe. Uma grande quantidade de registros sobre essas deusas foi encontrada na época que conhecemos como Idade do Bronze – período anterior ao domínio cristão. Biachini (2020) aponta que novas abordagens e pesquisas arqueológicas mostram que muitos registros primitivos encontrados, retratando a imagem feminina, conhecidos como "Vênus", seriam precursoras da corrente religiosa do culto à deusa mãe. Segundo as pesquisas de Gimbutas (1997), foram encontradas cerca de mil imagens femininas no período Paleolítico (aproximadamente 33.000 a 9.000 a.C.), e no Neolítico mais de trinta mil do período de 6.500 a 3.500 a.C. Entretanto, a quantidade de estatuetas diminuiu significativamente entre os anos de 4.500 e 2.500 a.C., período que teria marcado a transformação gradual da família e da religião, passando a ser orientada pelo arquétipo masculino. A partir de suas pesquisas, Gimbutas (1997) aponta que:

[...] imagens – de animais, de homens e de mulheres – são inseparáveis do mundo mítico e de que as “Vênus” são representações de vários aspectos da Deusa Criadora ou retratações de participantes em rituais dedicados aos vários aspectos e reencarnado por meio de estatuetas. [...] Vejo uma única linha de desenvolvimento de um sistema religioso desde o Paleolítico Superior, passando pelo Neolítico e pela Idade do Bronze. A velha Europa terminou, e o seu sistema cultural parou de se desenvolver, no início da era indo-europeia, quando um sistema social religioso muito diferente, dominado pelos homens e pelos deuses masculinos, começou a sucedê-la. Até este ponto, a era da predominância feminina está documentada como contínua durante uns 25.000 anos (Gimbutas, 1997, p. 38).

A religiosidade feminina na Índia é retratada por Zimmer (2008), que seguiu um percurso similar. Ele associa a predominância da religiosidade feminina na Índia antiga, antes da invasão ariana, à prevalência do feminino nas práticas religiosas. Zimmer (2008) observa que, apesar da invasão ariana ter imposto uma estrutura predominantemente masculina ao Hinduísmo, o processo histórico revelou uma resistência das tradições femininas ao longo do tempo. O culto à Grande Deusa da Índia se inicia na era antiga:

[...]a volta ao hinduísmo popular, da figura da Deusa mãe com seus diversos nomes: *Devi, Durga, Kali, Parvati, Uma, Sati, Candi, Tripuna Sndari*, etc., cujo culto enraizado

no antigo neolítico, havia sido eclipsado durante quase mil anos pelas divindades masculinas do panteão patriarcal ariano. A Deusa principiou sua hegemonia no período *Upanisads*. [...] Todas as esposas dos vários deuses são manifestações dela e, *sákti* ou “poder” de seus maridos, representam a energia que os torna manifestos. [...] É perfeitamente possível que esta restauração da Deusa – tanto nos cultos populares como na profunda filosofia de Tantra – seja um outro sinal do ressurgimento da religiosidade matriarcal, não-ariana, e pré-ariana, dos tempos dravídicos (Zimmer, 2008, p. 404).

O culto das divindades femininas hindus tem sido reestabelecido, apoiado em estudos que esclarecem a trajetória da religião da Grande Deusa Indiana. A alegoria mítica da Deusa é constantemente reconstituída, muito devido aos veículos de informação de cada época. Ancorados aos estudos antropológicos e históricos, é possível entender a importância social das diversas manifestações de poder feminino que a religião propõe.

A energia do poder feminino hinduísta carrega uma história de luta contra o mal/ego, marcada na cultura védica, gerando diversas mitologias a respeito do poder feminino no combate ao mal. Biachini (2020) destaca que, no hinduísmo *Shakta*, a Grande Deusa é vista como a divindade primordial, origem de tudo, incluindo a realidade e os próprios deuses e deusas. Ela representa a manifestação mais grandiosa do feminino conhecida até hoje. Embora a presença do feminino nas religiões seja retratada com importância em várias civilizações e épocas, nenhuma outra cultura, período histórico ou país reconheceu uma divindade feminina como suprema.

Uma das formas de acesso à alegoria filosófica da história da Deusa Indiana circula por meio de textos e livros digitais. Um importante exemplo é o *Devi Mahatmaya* (Glória da Deusa), traduzido do inglês para o português por Jorge Farias. Este texto védico narra os feitos da Deusa Indiana e fundamenta a religiosidade feminina, entendida como Shakatismo. *Devi Mahatmaya* também conhecido como *Durga Saptashati* ou *Chandi Patha* representa a definição da Mãe Divina na tradição indiana, sendo a ela atribuído o potencial total de criação e destruição divina. Ela é a manifestação de *Shakti* (energia) ilimitada, personificada na divindade central de *Durga*. É importante destacar que o *Devi Mahatmaya* faz parte de um conjunto de outros textos sânscritos reunidos no *Markandeya Purana*. A alegoria da Deusa Indiana ocupa os capítulos 81 a 93 das enciclopédias espirituais indianas. No entanto, deve-se enfatizar que o *Devi Mahatmaya*, por si só, se manifesta como uma vertente independente, que concentra o significado da tradição da Deusa e sua conexão com o sagrado feminino indiano (Arroyo 2019).

O texto de adoração à Grande Deusa é frequentemente recitado nos templos de *Durga* ou por seus devotos. Uma parte da obra, que ganhou notoriedade, descreve os feitos da Deusa *Durga*

e sua vitória contra o demônio-búfalo *Mahisasura* – a representação de diversas manifestações do mal. Nesta obra, a Deusa *Durga* se apresenta como divindade central, o que a torna um importante texto do Shaktismo. O texto marca o nascimento dessa vertente como um culto independente de adoração à Deusa, um culto de princípio feminino. Biachini (2020) retrata:

A teologia da deusa é cristalizada no *Devi Mahatmaya*, que a exalta como a fonte de toda criação; introduz categorias filosóficas que associam a criação com a deusa, quando ela se revela, diz-se que ela só parece ter nascido, mas na verdade, é eterna; que ela nunca nasceu, e que ela realmente nunca morre (Biachini, 2020, p. 141).

A Deusa é retratada como aquela que contém qualidades infinitas e, por isso, apresenta em sua alegoria a capacidade de destruir os males da humanidade, provocados pelo ego. No referido texto sagrado, a estabilidade de todo o universo e da humanidade é colocada em jogo, à beira da destruição. Então, a Deusa aparece em sua manifestação de *Durga*, recebendo todas as armas dos outros deuses. A Grande Deusa é representada em sua forma final mais elevada, sendo comparada na tradição hindu ao próprio *Brahman*. A Figura 1 ilustra como ocorre essa representação:

16



Figura 01 - *Durga* lutando contra o demônio-búfalo *Mahiāsura*  
Fonte: yogadevi.org

A figura, do século XVIII, faz referência à Deusa *Durga* lutando contra o demônio-búfalo *Mahiasura*, sendo um dos mais famosos episódios descritos no *Devī Māhātmyam*. Analisar a figura do feminino atribuindo-lhe poder é subverter as dinâmicas sociais naturalizadas, frequentemente vistas como "verdades" fundamentadas pelo poder da Igreja durante o processo colonial. Se a maior manifestação de poder de uma sociedade, reconhecida como Deus, for representada por uma figura feminina poderosa, muitos dos paradigmas históricos de opressão e submissão das mulheres, impostos pelo patriarcado e pelo cristianismo, podem se tornar obsoletos.

O imaginário ligado às divindades femininas permite analisar as construções e os discursos responsáveis pelas hierarquias de gênero assumidas e naturalizadas socialmente, o que também nos permite construir novos entendimentos sobre o masculino e o feminino. Swain (1993) afirma que, no imaginário marcado pelas relações entre os sexos (gêneros) e pela formação de seus papéis e representações paradigmáticas, há a construção da predominância masculina, sobretudo nas sociedades ocidentais, forjada como algo natural.

17

As representações religiosas ligadas ao feminino alimentam o imaginário sobre o que uma mulher deve ser. As religiões se beneficiam dessas representações e do imaginário social, utilizando divindades como instrumentos para construir suas referências simbólicas e arquétipos. Esses elementos circulam nas instituições coletivas e exercem, gradualmente, influências sobre os grupos sociais. Jodelet (2001) afirma:

De fato, representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual o sujeito relaciona-se com um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas sempre requer um objeto. Não há representação sem objeto (Jodelet, 2001, p.5).

As representações produzem os saberes sociais e funcionam como uma maneira de interpretar a realidade, atribuindo-lhe significado. A iconografia religiosa de *Durga* funciona como um modelo imaginário, assim como outras divindades religiosas que atribuem sentido. As religiões congregam as representações latentes na sociedade por meio de conteúdos e comportamentos simbólicos (Moscovici, 2003). Como forma de pensamento coletivo, estão fortemente ligadas às motivações e expectativas subjetivas daqueles que praticam ou decidem

seguir uma vertente religiosa. Para Jodelet (2001), as representações sociais permeiam os discursos, sendo expressas pelas palavras, veiculadas através das mensagens e imagens nos meios de comunicação, e se consolidam nas ações, comportamentos e na organização do espaço e dos materiais.

Apesar de uma estrutura historicamente, socialmente e culturalmente pré-estabelecida pelo cristianismo, encontrar meios de se libertar dessa rede de definições padronizadas é olhar para a própria subjetividade e conseguir construir a sua crença. Pensamos, então, que a representação não está totalmente pré-estabelecida, pois é um processo cognitivo no qual os sujeitos organizam e constroem sentidos sobre símbolos e discursos sociais.

Certamente, há representações que chegam a nós já prontas ou que “atravessam” os indivíduos. São as que impõem uma ideologia dominante, ou as que estão ligadas a uma condição definida no interior da estrutura social. Mas, mesmo nesses casos, o compartilhar implica uma dinâmica social que considera a especificidade das representações (Jodelet, 2001, p.14).

Para Jodelet (2001), as representações sociais são, ao mesmo tempo, produto e processos de uma atividade de apropriação da realidade externa ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade. A representação social mantém com seu objeto uma relação de simbolização e interpretação, que lhe confere significados, tornando a representação uma construção e expressão do sujeito. Assim, a particularidade dos estudos sobre representações é integrar o pertencimento e a participação sociais e culturais do sujeito.

As representações, que são sempre de alguém, têm uma função expressiva. Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social ou material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo (Jodelet, 2001, p. 697).

Essas formas de perceber o mundo são compostas, construídas e significadas pelas representações que refletem e (re)produzem uma determinada realidade, ou melhor, o imaginário vigente.

Outra questão fundamental para entender o impacto e representatividade da Deusa indiana em terras ocidentais é compreender a noção de Shakti e seu “empoderamento”. O termo “empoderamento” tem sua ambiguidade no universo acadêmico, mas cabe nesta análise, já que

o termo contém a palavra “poder” em sua etimologia, assim como Shakti representa “poder” (ou energia. Flood (2006) utiliza a expressão para se referir a Shakti em um processo de “divinização do corpo” que está presente na tradição Shakatista e tântrica.

Ao analisarmos aspectos das deidades femininas vinculadas à tradição Shakta, podemos compreender melhor como esse sagrado feminino não é apenas alvo de devoção externa, mas também de um trabalho interno de se tornar consciente de suas capacidades, buscando a emancipação individual, e também a consciência coletiva necessária para superar padrões dominantes da sociedade. Assim conseguimos associar a vertente espiritual e sua representatividade divina a ideias feministas.

A prática espiritual ligada ao feminismo é retratada por Hooks (2018) como um movimento que valoriza a prática espiritual. Muito antes da existência da teoria feminista, círculos de mulheres que já existiam com a intenção de despertar o autoamor e a autoaceitação eram fundamentais para a realização pessoal das mulheres. Mesmo com o sexismo das religiões dominadas por homens, as mulheres sempre encontraram meios de exercer sua espiritualidade e de encontrar um espaço para práticas espirituais e o compartilhamento de realidades entre mulheres.

Muitas das práticas espirituais feministas se popularizaram com o movimento da Nova Era a partir da década de 1960, pois as mudanças sociais desencadeadas pelos movimentos de contracultura abriram espaço para a criação de círculos de mulheres, com religiões distintas e híbridas, onde elas poderiam exercer um papel de liderança espiritual. Essas mudanças destacam a importância dos movimentos feministas e da Nova Era ligados à espiritualidade.

Levanta a questão de que há uma dificuldade para as mulheres encontrarem um espaço identitário, e que a abertura desses espaços que cultuam deusas traz essa perspectiva, desenvolvendo um espaço de identificação e satisfação das necessidades femininas. As mulheres são centrais nesses movimentos. Ao possibilitar uma visão feminina, esses movimentos têm efeitos políticos, trazendo visibilidade não somente para as deusas, mas também para as mulheres e seu lugar na sociedade (Christ, 1997; Raphael 1996 *apud* Kris, 2024, p. 124).

No caso da mitologia alegórica da Grande Deusa da Índia, destaca-se a importância da autonomia espiritual e da capacidade das mulheres de moldar suas próprias crenças e práticas religiosas. Para alguns, isso pode significar criar formas de espiritualidade ou reinterpretar

tradições existentes de maneira mais inclusiva. Hooks (2018) aponta que o feminismo ressignificou os pensamentos religiosos, sempre encontrando uma forma de utilizar o discurso para conquistar mais espaço, de maneira que as mulheres possam encontrar conexão com o sagrado e se comprometer livremente com a espiritualidade de forma pessoal.

Com frequência, a prática espiritual feminista encontrou seu reconhecimento e aceitação em contextos terapêuticos em que mulheres procuravam se curar das feridas provocadas por abusos patriarcais, vários dos quais aconteceram dentro da família de origem ou em relacionamentos. E foi no contexto de terapia feminista que várias mulheres encontraram afirmação para a busca espiritual. Como a natureza dessa busca da alma é particular, o público, com frequência, não tem informação sobre até que ponto as ativistas feministas hoje reconhecem totalmente a importância de atender às necessidades do espírito – da vida espiritual. Em movimentos feministas futuros, precisaremos de estratégias melhores para compartilhar informações sobre espiritualidade feminista (Hooks, 2018, p. 114).

É preciso compreender que a busca por uma cultura védica, de milhares de anos, não é apenas um retorno a uma representação mítica do divino perfeito, mas uma escolha insurgente pela representação do poder feminino e a necessidade de se conectar com o simbolismo cultural que manifesta os anseios particulares das participantes, já que a religiosidade ocidental é centrada em um deus único, masculino, com poucas referências femininas de poder. Assim, assumir uma religião atípica e oriental no Ocidente pode ser uma forma de afirmar uma maneira própria de existir, em distinção aos demais grupos sociais.

20

### **Considerações finais**

A análise do orientalismo proposta por Said (1990) oferece um entendimento profundo das relações complexas entre Oriente e Ocidente, revelando como a cultura ocidental tem historicamente construído uma imagem do Oriente como primitivo e submisso, legitimando assim uma forma de dominação cultural e política. Essa construção ideológica não só moldou percepções, mas também influenciou a espiritualidade ocidental, dando origem a novas vertentes espirituais no Brasil, muito apoiadas pelas mudanças sociais dos anos 1960, como o movimento da Nova Era, que busca integrar elementos orientais de forma eclética e inclusiva.

A evolução da religiosidade feminina, especialmente através da veneração à Grande Deusa Indiana, exemplifica essa hibridização e o ressurgimento de cultos que desafiam a supremacia masculina histórica. Assim, as interseções culturais e religiosas entre Oriente e

Ocidente não são apenas um fenômeno do passado, mas uma dinâmica viva que continua a moldar as práticas espirituais contemporâneas. Ao refletirmos sobre essa relação, somos convidados a valorizar a diversidade religiosa e a reconhecer a importância de reexaminar as narrativas que formam nossa compreensão, criando um espaço propício para um diálogo mais respeitoso e igualitário entre culturas. Essa compreensão não apenas enriquece nossa experiência espiritual, mas também promove um futuro no qual a colaboração intercultural e inter-religiosa seja vista como um caminho fundamental para a paz e a harmonia global.

As religiões exercem um papel fundamental no campo das representações sociais, pois possibilitam trocas e interações para o estabelecimento de um universo consensual. Para existir um novo imaginário sobre o feminino, é necessário produzir novas representações, sendo as religiões um produto e reflexo do pensamento de uma sociedade, gerando assim novas consciências a respeito do papel social da mulher.

## Referências

AREND, Silvia Maria Fávero. Paradoxo do direito da família no Brasil (Uma análise à luz da História Social da Família). In: SOUZA, Ivine M. C. Coelho (Org.). **Casamento: uma escuta além do judiciário**. Florianópolis: VoxLegem, 2006.

BIACHINI, Flávia. **A grande deusa da Índia: uma breve história** São Paulo: Polo Books; Shri Yoga Devi, 2020.

CAMPBELL, C. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. **Religião e Sociedade**, v. 18, n. 1, 1997.

FEUERSTEIN, Georg. **A Tradição do Yoga**. São Paulo: Pensamento, 2005.

GIMBUTAS, Marija. A “Vênus” monstruosa da pré-história: criadora divina. In: CAMPBELL, Joseph; RIANE, Eisler; MUSÉS, Charles (Org.). **Todos os nomes da deusa**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

GUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HEELAS, P. A nova era no encontro cultural: pré-moderno, moderno e pós-moderno. **Religião e Sociedade**, 17/1-2, p. 15-32, 1996.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: ED UERJ, 2001.

KRIS, Karina Babuch. **Espiritualidade feminina e transformações no campo religioso**: um estudo sobre círculos de mulheres no Brasil sob a influência do feminismo e da Nova Era. 2023.

LOUNDO, Dilip. Budismo, Vedismo e Hinduísmo: Raízes, Continuidade e Ruptura. **Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas**, v. 4, n. 10, jul./dez., 2020.

MOSCOVICI, Serge. A história e a atualidade das representações sociais. MOSCOVICI, Serge. In: **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SWAIN, Tania Navarro. Você disse imaginário? In: SWAIN, Tania Navarro. **História no plural**. Brasília: UNB, 1993.

ZIMMER, Heinrich. **Filosofias da Índia**. 4. ed. São Paulo Palas Athena, 2008.

22

#### **Arquivos digitais:**

ARROYO, Ana García. **Devi Mahatmaya** - El canto de la Diosa Suprema. Ed. 1. Editorial Kairós. Barcelona, Espanha – 2020. Disponível em: <http://www.editorialkairos.com/>.

SARASWATI, Swami Satyananda. Candi path. Tradução Kalacandra DD. Revisão e Editoração eletrônica Sanatana – 1997. Disponível em: [www.yogadevi.org](http://www.yogadevi.org).

**Artigos Livres**  
Recebido em: 19 nov. 2024.  
Aprovado em: 28 jan. 2025.